



O Senhor dos Anéis: da fantasia à ética



GABRIELE GREGGERSEN

O Senhor dos Anéis: da fantasia à ética



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2003, Gabriele Greggersen

Primeira Edição:
Novembro de 2003

Revisão:
Lilian Vertissimo

Capa:
Sonia Couto

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

G819s
2003

Greggersen, Gabriele, 1969-

O senhor dos anéis : da fantasia à ética / Gabriele
Greggersen. – Viçosa, MG : Ultimato, 2003.
144p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 85-86539-63-5

1. Tolkien, J.R.R. (John Ronald Reuel), 1892-1973.
2. Literatura fantástica inglesa - História e crítica.
3. Magia - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Título.

CDD 19.ed.823.09

CDD 20.ed.823.09

2003

PUBLICADO COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3891-3149 - Fax: 31 3891-1557

E-mail: ultimato@ultimato.com.br

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	7
1. Apresentando J.R.R. Tolkien	13
2. O Senhor dos Anéis: a História	29
3. Tolkien e Lewis: Um Diálogo	53
4. O Bem e o Mal	63
5. Livro ou Filme: Pesando os Benefícios	87
6. Em Busca do Discernimento e da Sabedoria	111
<i>Anexo 1 – Ficha técnica dos principais personagens</i>	123
<i>Anexo 2 – Raças da Terra Média</i>	127
<i>Anexo 3 – Curiosidades</i>	129
<i>Notas</i>	131
<i>Bibliografia</i>	139



INTRODUÇÃO

O INTERESSE EM JOHN RONALD REUEL TOLKIEN tem aumentado nos últimos tempos por causa do sucesso da megaprodução de Hollywood, recentemente lançada em três filmes. No entanto, esta é só parte da verdade. A tese central deste livro é que o tipo de magia de Tolkien é, por assim dizer, “mais profunda” e “mais antiga” do que julga a moderna indústria cultural. A pergunta que procuraremos responder é: Que tipo de poder esconde-se por trás dos anéis do poder e do seu senhor? Que tipo de magia, ou melhor, de acordo com Tolkien, que tipo de fantasia é esta presente em *O Senhor dos Anéis*, considerada a maior obra do século vinte?

Outras perguntas não menos importantes são: Para que tipo de leitor *O Senhor dos Anéis* é recomendado? Apontaremos pelo menos quatro bons motivos para se ler o livro e, quem sabe, também algumas restrições. Quais as informações básicas sobre o autor para um posicionamento coerente diante das principais controvérsias em torno do seu trabalho (mesmo para quem não leu Tolkien em profundidade)? Resumir em poucas páginas a vida de J.R.R. Tolkien e avaliar certas polêmicas a seu respeito pode até parecer uma ofensa ao seu legado. Felizmente, porém, existem já várias biografias competentes de especialistas do mundo todo, ainda que, para a frustração de alguns, poucas traduzidas para o português. Uma delas, a de Humphrey Carpenter, que já pode ser considerada um clássico do gênero, é uma das bases deste livro.¹ Outra fonte primária, além da própria obra, como não poderia deixar de ser, é o artigo do maior amigo de Tolkien, C.S. Lewis, dedicado a *O Senhor dos Anéis*.

Assim, escrevo para curiosos, iniciantes e eventualmente até para quem já é bastante conhecedor da obra de Tolkien; e espero que não deixe de chamar a atenção também dos iniciados ou até dos “graduados” no autor. E se a leitura surtir o efeito desejado, há uma sessão nos anexos para quem “quiser mais”, com mais e variadas informações.²

Longe de querer esgotar seu legado, o que nem teríamos condição de executar em tão pouco espaço, nosso objetivo é simplesmente traçar um perfil geral do autor e sua obra para o iniciante, particularmente o educador cristão, mas também para o curioso ou interessado. Buscamos, assim, contribuir de maneira prática para o esclarecimento de algumas controvérsias básicas em torno do autor, já levantadas por Lewis em sua época.

Este livro é interessante até para quem nunca leu nada sobre Tolkien ou qualquer obra de ficção. Serve ainda para quem tem dúvidas e curiosidade sobre ele ou que simplesmente esteja aberto para melhorar suas ferramentas educacionais e usar a própria

imaginação para melhoria constante das habilidades pedagógicas. E será útil, como desafio, para quem rejeita esse tipo de literatura como “fantasiosa” e, portanto, “nem um pouco realista”, ou ainda como “coisa do demônio”.

Finalmente, o livro visa também quem já leu alguma das suas obras, ou começou a lê-las, mas ficou um tanto desorientado ou confuso diante de tantas invenções e, portanto, não as pôde apreciar como gostaria. Estamos nos remetendo, assim, a todo aquele que esteja interessado em aumentar sua visão crítica, reflexiva e estética da obra ou, simplesmente, melhorar o nível de cultura geral.

Começamos pela história do autor, com um capítulo separado para a amizade com C.S. Lewis, que esclarece muitos pontos obscuros. Preocupamo-nos ainda em sumarizar os acontecimentos e personagens principais da obra numa espécie de referência rápida, para quem tem dificuldades de memória ou ainda não leu o livro, além de uma primeira análise dos aspectos morais da história. Em seguida, levantamos algumas curiosidades e comparações entre o filme e o livro. Aconselhamos a quem não leu e já esteja interessado em ler a obra e àqueles para quem nada disso é novidade simplesmente deixar de lado essa parte, a menos que queira aproveitar o ensino para alguma boa crítica.

Introduzimos aqui os grandes temas ético-teológicos da obra levantados pelo público em geral, particularmente pais e educadores, priorizando a questão do bem e do mal e da magia, que nos levam à conclusão final.

Sem dúvida, é grande a diversidade de opiniões sobre Tolkien e sua obra. Há desde os aficionados inveterados, que acabam assumindo uma postura apologética ou apaixonada, beirando a obsessão, até aqueles que não admitem qualquer alusão à magia. O maior argumento destes últimos costuma ser que livros “malditos” como *O Senhor dos Anéis* servem como instrumento de engodo ou até de iniciação às obscuras artes da magia. De nossa parte, buscamos

aqui uma perspectiva equilibrada e uma postura crítica, que foi a privilegiada pelo próprio autor e por todos os grandes expoentes do cristianismo.

Em lugar de um estudo exaustivo ou sistemático do autor e de sua obra, procuramos levantar curiosidades e detalhes que passam muitas vezes despercebidos ao leitor não iniciado. Nosso objetivo é fornecer-lhe ferramentas básicas para uma compreensão mais profunda de *O Senhor dos Anéis*. Acreditamos que isso seja fundamental para a apreciação adequada do autor e do seu importante legado, bem como para a compreensão da sua contribuição para a cultura geral, particularmente para a formação dos valores cristãos.

Nossa estratégia básica para tanto será o estabelecimento de uma espécie de “diálogo” entre Tolkien e seu melhor amigo em Oxford, C.S. Lewis. A este dedicamos estudos prévios mais aprofundados, que também podem ser mais conhecidos ao leitor. Eis aí a razão pela qual reservamos um capítulo à parte a essa amizade.

Também nos inspiramos na filosofia desses autores e dos seus colegas de Oxford, os *Inklings*, procurando ater-nos aos fatos da sua vida, sem pretensões de neutralidade nem de verdade absoluta, buscando a verdade dentro dos limites possíveis a um trabalho desta natureza.

Em resumo, então, o primeiro capítulo é dedicado à vida e à obra de Tolkien. Consideramos essa reflexão fundamental, principalmente no que diz respeito à questão religiosa, muitas vezes omitida ou menosprezada por certas biografias de Hollywood e sociedades de fãs. No segundo capítulo, tratamos mais especificamente de *O Senhor dos Anéis*. Apresentamos um resumo e uma leitura mais profunda do enredo, além de uma relação de personagens e curiosidades quanto à confecção do filme. Esses itens fazem emergir quase que naturalmente quatro bons motivos para se ler o livro, mais do que ver o filme.

No terceiro capítulo, falamos um pouco da usualmente esquecida ou ignorada amizade entre C.S. Lewis e Tolkien.

O capítulo quatro, que consideramos o ponto alto do livro, traz as principais controvérsias entre cristãos e não-cristãos, além de abordagens a dúvidas mais recentes sobre “duendes e bruxos”, a questão do bem e do mal, os preconceitos, a ecologia, o misticismo e a mitologia, freqüentemente associados a esse tipo de literatura.

Adotamos essa sequência com o objetivo de oferecer esclarecimento para dúvidas concretas com as quais o leitor muitas vezes se defronta, sem ter por perto alguém que possa oferecer-lhe alguma luz. Incluímos até questões que, de acordo com a nossa experiência, nunca afligiram leitores mais novos, livres ainda dos “vícios adultos”.

Por fim, é preciso observar que todas as citações de obras estrangeiras foram traduzidas pela autora.



UM

APRESENTANDO J.R.R. TOLKIEN

O EMÉRITO PROFESSOR DE FILOLOGIA da universidade de Oxford viveu de 1892 a 1973. Além de produções acadêmicas, foi autor de obras consagradas de ficção, tais como *O Senhor dos Anéis*, *O Hobbit* e *Silmarillion*, já traduzidas para o português. Escreveu também contos e poemas, ainda pouco conhecidos no Brasil.

Uma primeira curiosidade quanto ao nome da família “Tolkien” é a sua origem pouco usual. Procede da antiga Saxônia, região que já pertenceu ao Império Germânico. Ele provavelmente deriva da

palavra alemã *tollkühn*, que quer dizer “arrojado”, “audacioso” ou “temerário”. Por coincidência ou não, as obras de Tolkien demonstram precisamente esse traço característico.

Dizem ainda que seu terceiro nome, Reuel, não menos incomum, herdado do avô, tem alguma origem hebraica. Ele aparece no Antigo Testamento como equivalente de Revel, aparentemente uma variante do nome do sogro de Moisés (Nm 10.29), filho de Esaú (Gn 36.4). De acordo com dicionários especializados, seu significado é “amigo de Deus”.

A terra natal de Tolkien também não é menos extraordinária. Embora a maioria dos ingleses no exterior preferisse que os filhos nascessem na Inglaterra, Tolkien nasceu na África do Sul, como filho primogênito de um bancário. Sua estada ali não durou muito tempo e não foi muito emocionante, exceto por um “pseudo-sequestro” que sofreu da parte de um empregado negro. Tudo se esclareceu como uma simples tentativa do rapaz de apresentar a Tolkien sua família e casa. Outro episódio bastante bizarro foi um encontro que teve com uma enorme aranha, que viria a se tornar um personagem importante de *O Senhor dos Anéis*.

A família de Tolkien viveu um período de afastamento do restante dos familiares, mas, após a morte prematura de seu pai, sua mãe decidiu retornar para Birmingham, Inglaterra, junto com ele e seu irmão mais novo, Hilary. A viúva passou então a assumir toda a educação dos filhos.

Desde pequeno, Tolkien desenvolveu características e hábitos bastante peculiares, como o de observar e atentar para os detalhes das paisagens e, particularmente, da topografia dos lugares que conhecia. Ele nunca esquecia um cenário já visitado, e certamente todos eles influenciaram a criação da geografia do seu mundo imaginário. Alguns atribuem seu interesse pela geografia e criação de certos territórios da Terra Média à sua capacidade de captar diferentes paisagens e cenários, uma das peculiaridades de sua obra.

Outra paixão que lhe foi despertada desde cedo, particularmente por sua mãe, foi a diversidade de idiomas, especialmente os germânicos, o galês e o finlandês, que aparentemente formaram a base para o desenvolvimento das línguas da Terra Média. Essa tendência ficou ainda mais acentuada quando ingressou na escola de gramática *St. Philip's*, onde costumava engajar-se bastante em atividades culturais e organizar clubes de leitura. O mais importante foi o T.C.B.S (*Tea Club, Barrovian Society*).³ Ele manteve todas as amizades que fez ali até a fase adulta. Infelizmente, para sua grande tristeza e sofrimento, quase todos os amigos que conhecera lá (exceto um) morreram na Primeira Guerra Mundial. Foi naquele clube que ele teve o primeiro contato com a filologia, que acabaria elegendo como área de especialização e carreira. Entretanto ele também cultivava um especial interesse pela leitura, particularmente romances e obras que envolviam mitologia.

Tolkien costumava observar que as crianças normalmente têm uma fase, usualmente depois de terem tido contato com a literatura, na qual começam a inventar línguas próprias. No seu caso, ele confessa que nunca conseguira parar com esse tipo de “invenção”, que acabou se tornando sua grande obsessão.

Infelizmente, a mãe de Tolkien não viria a presenciar o extraordinário desenvolvimento do filho. Ela faleceu precocemente aos 34 anos de idade, em decorrência de diabetes, que ainda não tinha tratamento na época.

Tolkien tinha certo ressentimento contra a Igreja da Inglaterra. Ele suspeitava que a debilidade da saúde da mãe estivesse relacionada ao sofrimento que sua família, de confissão protestante, passou a lhe infligir quando ela aderiu ao catolicismo romano, à semelhança de sua irmã. Como se sabe, infelizmente, a rivalidade entre católicos e protestantes é antiga na Inglaterra. As lembranças da devoção da mãe à igreja tiveram grande influência sobre a conversão de Tolkien e de seu irmão ao catolicismo em 1900.

Pouco antes de morrer, sua mãe confiou os filhos às boas mãos de um padre amigo, Francis Morgan. Ela o incumbiu de proporcionar a melhor educação possível a eles. Os órfãos passaram então a morar em um lar de crianças, no qual conheceram e fizeram amizade com outra órfã, Edith Bratt. Tolkien apaixonou-se imediatamente pela garota, mas o padre foi contra qualquer envolvimento entre os dois, proibindo-o até mesmo de comunicar-se com ela. Depois de muita insistência, finalmente ele concordou com o namoro. Contudo Tolkien só poderia encontrar-se com ela depois que se formasse no *Exeter College*; e teria de pedi-la em casamento.

E Tolkien cumpriu à risca a condição, voltando a procurar Edith somente depois que concluiu seu curso. Àquelas alturas, entretanto, ela já estava noiva. Mas acabou desmanchando o compromisso, quando seus sentimentos por ele foram reavivados. Decidiram então casar no ano seguinte à colação de grau de Tolkien. No entanto, o casal foi logo separado pela guerra, quando Tolkien foi convocado para servir à pátria.

Inconformada com a situação, Edith instalou-se perto de onde estava alojado o marido. Naquela época eles tiveram um encontro secreto em um bosque, onde Edith dançou para ele. O romantismo da situação inspirou Tolkien a escrever um conto, publicado posteriormente sob o título “Beren e Lúthien”. Esses nomes encontram-se inscritos no túmulo do casal até os dias de hoje. Entretanto, como se pode inferir de cartas e biografias, o casamento dos dois não foi nada fácil, em consequência da enorme diferença entre gostos, interesses e nível de formação do casal.

Felizmente Tolkien pôde voltar logo para a esposa, por causa da contração de “febre de trincheira”. Com isso ele acabou presenciando o nascimento do primeiro filho, em 1917, no mesmo ano em que fazia os primeiros ensaios e incursões pelo mundo da Terra Média, na forma de contos esparsos. Mal sabia ele, na época, que jamais pararia de escrever aquelas histórias que permaneceriam inacabadas. O título que decidiu dar-lhes na época foi *The Book of*

Lost Tales. Anos depois da morte de Tolkien, seu filho, Christopher, compilou-as e editou-as sob o título de *O Silmarillion*. Essa impressionante obra retrata o trabalho de uma vida toda de dedicação e revisão minuciosa. É curioso observar que Tolkien começou a escrevê-la antes mesmo da publicação de *O Hobbit* (o primeiro livro da trilogia a ser lançado). Tratava-se de uma tentativa de traduzir o mundo da Terra Média para crianças. A obra também está muito relacionada a *O Senhor dos Anéis*.

Tolkien ingressou na carreira docente logo após a Primeira Guerra Mundial, quando começou a fazer leituras públicas, assumindo a cadeira de Literatura Inglesa na *Universidade de Leeds*. Apesar da oposição por parte de certos professores, Tolkien acabou sendo chamado para a cadeira de Língua Anglo-saxônica na Universidade de Oxford. A partir daí, viria a dedicar o resto da vida (ou pelo menos até quando se aposentou precocemente, em 1959) a essa mundialmente renomada instituição, uma das primeiras desse nível na história. Grande parte da dedicação, do zelo, da criatividade e da filosofia refletida nas suas obras deve-se às experiências e oportunidades para estudos e contatos com colegas ao longo da vida acadêmica. Esse pano de fundo pode ser a razão da dificuldade de alguns leitores, desprovidos do mesmo treinamento acadêmico. Por outro lado, é notório o esforço de Tolkien por tornar-se amplamente inteligível, expressando-se de forma clara e direta, com humor e simplicidade.

Se considerarmos o quê e como escreviam os colegas de Tolkien, temos boas razões para afirmar que ele foi um dos poucos intelectuais da época que se manifestavam preocupados em falar ao homem comum. Ele se empenhava em unir a teoria que ensinava à prática, criando mundos que vão além dos muros da universidade.

Além do aspecto acadêmico, outro elemento importante para entendermos o autor é sua vida familiar. Muitos dos seus contos, como o *Hobbit*, por exemplo, inspiraram-se nas seções de histórias que ele costumava contar aos filhos.

Depois que Edith deu à luz a última filha, única mulher entre três rapazes, em 1929, Tolkien também começou a escrever regularmente para um jornal na época das festas natalinas. Ele fazia questão de ilustrar pessoalmente esses escritos. Tratava-se de uma espécie de “cartas”, escritas pelo Papai Noel para crianças imaginárias. Uma seleção destas foi publicada em 1976, sob o título *Cartas do Papai Noel (Father Christmas Letters)*. Infelizmente, porém, muitas de suas histórias de ninar foram perdidas.

Muito do que se salvou deve-se ao único entre os quatro filhos (Christopher) que seguiu os passos literários do pai e também se tornou conhecido. John, o mais velho, optou pela batina. Christopher e Michael, depois de servirem à força aérea durante a guerra, resolveram seguir a carreira de professores. Michael dedicou-se ao ensino fundamental, enquanto Christopher optou por lecionar numa universidade, além de tornar-se editor e compilador das obras do pai. Priscilla decidiu dedicar-se ao serviço social.

Além da família, outra influência forte na vida e obra de Tolkien, que aprofundaremos mais adiante, foi a amizade com C.S. Lewis,⁴ um colega em Oxford, que passou a lecionar mais tarde em Cambridge. Eles tinham várias coisas em comum, notadamente o gosto por mitologia e ficção. Entretanto, ao contrário de Tolkien, cuja opção religiosa pelo cristianismo é desconhecida para a maioria dos seus apreciadores, Lewis se destacou no campo da apologética, tornando-se conhecido no mundo cristão pela defesa da fé no contexto universitário. Ele contribuiu e continua contribuindo para a conversão de vários universitários, professores, teólogos e ministros de renome e grande influência. Outro detalhe que a maioria dos leitores desconhece é que Tolkien teve um importante papel na própria conversão de Lewis, como ficou registrado nas memórias de Lewis, *Surpreendido pela Alegria*.⁵

A amizade entre os dois iniciou-se no ano seguinte ao ingresso de Lewis como professor em Oxford e durou até a morte deste.

Vale aqui citar o registro que Lewis faz em seu diário das primeiras não muito favoráveis impressões de Tolkien:

Ele é um sujeitinho lustroso, pálido e carrancudo. Devia ser chato demais para ler um Spenser – que só deve interessar para as aulas de inglês. Na concepção dele, a literatura só deve servir para a diversão de pessoas entre seus trinta e quarenta anos de idade... No fundo é gente boa: só está precisando de uns bons corretivos.⁶

O fato é que muitos leitores ou espectadores do filme concordariam com essa acusação contra Tolkien, queixando-se da grande quantidade de minúcias nas suas descrições. No entanto Lewis notaria logo o quanto estava enganado sobre os gostos literários do amigo, que certamente eram tão pouco usuais quanto os dele. Mais adiante discutiremos por que uma obra tão sofisticada e profunda faz tamanho sucesso numa época iletrada como a nossa.

Grande parte do mistério é esclarecida pelo próprio Lewis. Em suas cartas, ele revela a admiração que tinha pela personalidade e pelo caráter de Tolkien, mas também aponta alguns dos seus defeitos. Lewis o julgava pouco sistemático e excessivamente “turrão”, praticamente impermeável a influências externas nas suas obras.⁷

Os amigos e, principalmente, os alunos de Tolkien costumavam comentar sobre a dicção do autor. Ele falava rápido e de modo pouco articulado. Quem não estava habituado tinha dificuldade de acompanhar ou entender o que ele dizia. Aparentemente, seus pensamentos fluíam em tamanha velocidade que ele não conseguia verbalizá-los com clareza em tempo hábil. Sua maneira de falar também era muito próxima da forma escrita. Ele nunca conseguiu se livrar desse estilo “narrativo” de falar. Até quando comentava trivialidades do cotidiano, não dava para disfarçar o estilo de autêntico contador de histórias. Entretanto, de uma maneira geral, os alunos gostavam das suas aulas e o consideravam um professor dedicado, bem humorado e cativante, o que também se reflete em sua obra.

No auge da carreira em Oxford, Tolkien tornou-se uma figura polêmica. Muitos o criticavam pela produção deficitária no campo estritamente “acadêmico”. Nos seus poucos escritos de crítica literária, ele não resistiu à tentação de falar novamente daquilo de que mais gostava: a literatura imaginativa. Foi provavelmente essa paixão que lhe deu a coragem de apresentar em *Saint Andrews* uma palestra sobre contos de fada (*fairy tales*), gênero totalmente desprezado pela academia, considerado “literatura para crianças”, ou seja, nada que algum *scholar* devesse levar muito a sério.

O autor J. Roberto Whitaker Penteado lembra muito bem que Tolkien é um dos poucos escritores que sistematizam “as facetas necessárias num bom conto de fadas: fantasia, recuperação, escape e consolo – recuperação de um desespero profundo, escape de algum grande perigo, mas, acima de tudo, consolo, que, para Tolkien, é o principal componente das histórias de fadas completas.”⁸

Mais adiante ele comentará, inspirado igualmente em Tolkien, que o adulto não deve responder quando uma criança pergunta “isto é verdade?”, pois ela própria deve se questionar acerca disso e de algo ainda mais importante: “isto é bom?”

Muitos dos colegas de Tolkien o criticavam, ou, melhor dizendo, o invejavam por sua “popularidade”. Além da pressão da academia, para que escrevesse menos fantasia e produzisse mais ciência, Tolkien era pressionado também pelos editores, pois não costumava cumprir com os prazos determinados. No entanto, mesmo a passo de tartaruga e sofrendo forte resistência, suas obras de ficção acabaram se tornando um enorme sucesso já em 1960 porque, acreditamos, conseguiam aliar talento artístico e poder imaginativo à excelência acadêmica.

Movidos pela necessidade de trocar idéias com os colegas sobre suas criações, Tolkien, Lewis e mais alguns amigos escritores decidiram fundar o mencionado clube dos *Inklings*⁹. Eles se reuniam uma vez por semana no escritório de Lewis, e outra, usualmente, em um *pub* de Oxford, chamado *Eagle and Child*. Todos os

que fizeram parte desse clube, composto em sua maioria por eminentes catedráticos e autores, exerceram grande influência sobre as obras uns dos outros. Após a morte de Charles Williams, uma das figuras que mais estimulava a criatividade e o entusiasmo do grupo, os participantes mais ativos do clube voltaram a ser Tolkien e Lewis. O que unia os que passaram pelo clube era o gosto pela mitologia e pelos contos-de-fada, bem como a vontade de submeter a própria obra ao crivo dos colegas. Em consequência dessa paixão pelas letras e pela imaginação, eles eram muitas vezes considerados *românticos* ou *platônicos*.

Depois do sucesso de *O Hobbit*, Tolkien decidiu revelar seu maior trunfo, *O Silmarillion*, mesmo incompleto. A reação dos colegas do clube foi de euforia, pois todos já vinham se perguntando o que tanto o ocupava nas horas vagas. Contudo ele havia feito questão de só apresentar a história e a geografia do mundo da Terra Média ao público quando a obra estivesse bem estruturada e houvesse passado pelo crivo de Lewis.¹⁰

Todos os *Inklings* compartilhavam a apreciação por mitos, lendas e contos-de-fada, particularmente lendas nórdicas. Elas os inspiravam e motivavam a aventurar-se pelo universo do imaginário. O grande sonho de Tolkien era nada mais, nada menos do que criar, ou melhor, “descobrir” todo um mundo mitológico de que, na sua opinião, a Inglaterra ainda estava carente. E o realismo daquilo que ele criava era tal, que sempre que discutia detalhes ou até inconsistências da história, ele falava como se estivesse se referindo a fatos da vida real. Essa postura quase neurótica em relação ao seu mundo imaginário e a dedicação obsessiva a ele chegou a despertar suspeitas, por parte de alguns leitores e críticos, quanto à sanidade mental de Tolkien. E acreditamos que não estão totalmente errados aqueles que atribuem a ele certa fissura em relação à Terra Média.

Em todos os casos, Tolkien buscava ser coerente com suas convicções literárias e seus conhecimentos filológicos, dando-lhes um tratamento muito mais salutar do que aqueles intelectuais

limitados ao saber sistemático, desprovido de qualquer imaginação. Ele simplesmente procurou traduzir e testar na prática sua tese de que a literatura imaginativa consegue integrar história e língua, teoria e prática, realidade e ficção, dando acesso a dimensões da realidade que estão fora do alcance da ciência. Sua hipótese, que aprofundaremos mais adiante, era que as verdades expressas pela linguagem mitológica têm a mesma racionalidade que aquelas expressas pela linguagem científica. E isso, com a vantagem de apelar para a razão, a imaginação e as emoções, campos dificilmente alcançáveis pela linguagem formal, mas nem por isso menos reais ou importantes. Para Tolkien, o mito permite vislumbrar dimensões da realidade ignoradas pela ciência, numa perspectiva holística e não fragmentária, aberta para a totalidade. Daí que ele o tenha escolhido como modelo para o seu tipo de literatura.

Além do gosto básico pela mitologia, os *Inklings* compartilhavam ainda a crença nos princípios essenciais do cristianismo, além de uma grande tolerância e respeito para com a liberdade de pensamento e de diferentes visões e virtudes. Em seus escritos, eles costumavam destacar os temas da justiça e do respeito entre os homens, particularmente da amizade, mas também do respeito à natureza e ao meio ambiente. Tanto que diversas sociedades alternativas mostravam-se simpatizantes das obras, especialmente de Tolkien, como veremos mais adiante.

Se considerarmos apenas esses valores, altamente educativos, já será um bom motivo para ler Tolkien, não apenas para o educador cristão, mas para o educador em geral. Isso, independentemente da profissão religiosa, da cultura e do gênero do leitor, já que se trata de valores humanos transculturais e plenamente universalizáveis.

Tolkien acreditava que todo ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e por isso já nasce com o dom da “subcriação”. Essa habilidade nada mais é do que o dom divino de invenção de mundos secundários, dotados da mesma consistência interna da realidade. Longe de querer fazer apologia do cristianismo, Tolkien

pretendia simplesmente exercitar e desenvolver ao máximo esse talento. Dessa forma ele acabou, como que “por acaso”, conscientemente ou não, por glorificar o seu Criador da maneira mais honesta e bela, num tributo à sua criatividade “infinitamente outra”.

Finalmente, para se entender bem a visão de mundo de Tolkien é importante ser apresentado ao conceito de *alegoria*, uma das chamadas “figuras de linguagem”, como veremos em detalhe mais adiante. Trata-se do recurso lingüístico e simbólico mais usado nas religiões primitivas, que se caracteriza pela “sacralização” da realidade, ou seja, a interpretação mística e mistificadora do real, que freqüentemente leva à substituição (*Ersatz*) do símbolo pela coisa simbolizada. É o que se pode observar, por exemplo, nas nossas terras, em épocas de carnaval: os “carros alegóricos” veiculam verdadeiros mundos, que parecem ter existência própria e evocam a devoção quase religiosa de muitos. É o que se vê ainda nas chamadas novelas ou romances de cavalaria, tão criticados por Cervantes, mediante sua “triste figura”, Dom Quixote. É finalmente o tipo de recurso freqüentemente utilizado nas novelas atuais, ou nas chamadas “novelas mexicanas”.

A alegoria também pode ocorrer nas leituras “forçadas” de autores interessados em impor ao texto sentidos jamais pretendidos, gerando controvérsias e interpretações aleatórias e sem fim. Mais adiante nos aprofundaremos em algumas delas, em torno de *O Senhor dos Anéis*, apesar das advertências de Tolkien contra leituras alegóricas da sua obra.

Tolkien lançou mais alguns contos de sucesso, entre os quais se destacam *Tom Bombadil*, personagem que tem um papel importante em *O Senhor dos Anéis*. Depois disso aposentou-se e foi morar no interior, junto com a esposa, que acabou falecendo em 1971. Como seus filhos já haviam saído de casa nessa época, Tolkien ficou muito solitário e resolveu voltar para o antigo apartamento na Universidade de Oxford, onde passou o resto dos seus dias. Em 1972 ele recebeu o título de doutor *honoris causa* em Letras pela

Universidade de Oxford. Ali também obteve seu mais importante título (Ordem do Império Britânico), das mãos da Rainha Elizabeth, uma das maiores glórias para os ingleses.

Em 1973, aos 81 anos de idade, Tolkien faleceu de uma doença grave. Depois disso, foram criadas inúmeras sociedades dedicadas ao autor, que passaram a cuidar da preservação da sua memória. Dentre elas estão a *The Tolkien Society* e a *Brazilian Tolkien Society*¹¹ (vide anexo). Elas também se encarregaram e continuam se incumbindo da divulgação e reedição permanente das suas obras por todo o mundo.

Nada melhor do que as palavras do próprio autor para sintetizar a essência da sua vida e obra:

Nasci em 1892 e passei toda a infância numa região chamada “*The Shire*”,¹² numa época anterior à mecanização da lavoura. Em outras palavras, o que me importa aqui ressaltar é que sou cristão (o que se pode inferir muito bem das minhas histórias), na verdade sou católico romano. Já este segundo “fato” pode não ser tão facilmente inferido... na verdade o que sou mesmo é um *hobbit* (em todos os aspectos, exceto pelo tamanho¹³). Gosto muito de jardins, árvores e lavouras não mecanizadas; fumo cachimbo e aprecio boa comida caseira... gosto de trajas alinhados e tenho a pachorra de usar coletes, numa era tão sem graça como é a nossa. Amo cogumelos (colhidos diretamente do campo); meu senso de humor é coloquial (mesmo os meus críticos mais simpáticos costumam considerá-lo tedioso); costume ir dormir tarde e (de preferência) acordo tarde. Não sou de viajar muito.¹⁴

Breve cronograma bio-bibliográfico¹⁵

- 1857 — Nascimento de Arthur Reuel Tolkien (pai) em Birmingham, Inglaterra.
- 1870 — Nascimento de Mabel Suffield (mãe), em Birmingham, cuja família é originária de Worcestershire, Inglaterra.

- 1889 — Nascimento de Edith Bratt, futura esposa de Tolkien.
- 1892 — Nascimento de Ronald Reuel Tolkien em Bloemfontein, África do Sul, no dia 3 de janeiro.
- 1894 — Nascimento de Hilary Arthur Reuel Tolkien.
- 1896 — Morte de Arthur Tolkien. Mudança da família para as proximidades de Sarehole Mill e, posteriormente, para as redondezas da cidade de Birmingham.
- 1900 — Ingresso na escola de gramática King Edward's, em Birmingham.
- 1901 — Mudança para King's Heath.
- 1902 — Mudança para Edgbaston, ingresso no St. Philip's Grammar School.
- 1903 — Conquista de bolsa no King Edward's e retorno a esta escola.
- 1904 — Morte de Mabel (Suffield) Tolkien.
- 1905 — Mudança para a casa da tia.
- 1908 — Mudança para um lar de crianças. Primeiro encontro com Edith Bratt.
- 1909 — Descoberta do romance pelo Padre Morgan.
- 1910 — Mudança com o irmão para outros aposentos. Proibição de comunicar-se com Edith.
- 1911 — Ingresso no Exeter College, Oxford, para estudos clássicos.
- 1913 — Conquista de prêmio de honra e mérito.
- 1915 — Primeira aula de língua e literatura inglesa. Convocação para o batalhão de fuzileiros de Lancashire. Conquista de prêmio de honra e mérito.
- 1916 — Casamento com Edith Bratt. Participação da Batalha de Somme. Retorno à Inglaterra, em consequência da "febre de trincheira".
- 1917 — Nascimento do primeiro filho, John. Início da criação dos contos constituintes de *O Silmarillion*.

- 1918 — Término da guerra. Início dos trabalhos no *Novo Dicionário de Inglês de Oxford*.
- 1919 — Começo de trabalho como tutor *freelance*. Ele e Edith mudam-se para a Alfred Street.
- 1920 — Torna-se leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Leeds. Nascimento do segundo filho Michael.
- 1924 — Nomeação para a cadeira de Literatura Inglesa na Universidade de Leeds. Nascimento do terceiro filho, Christopher.
- 1925 — Nomeação para a cadeira de Língua Anglo-saxônica na Universidade de Oxford.
- 1926 — Início da amizade com C.S. Lewis.
- 1929 — Nascimento da primeira e única filha, Priscilla.
- 1930 — Mudança de endereço. Início da criação de *O Hobbit*.
- 1936 — Preleção de “Beowulf: The Monsters and the Critics” [“Beowulf: o monstro e os críticos”].
- 1937 — Publicação de *O Hobbit*. Início da criação da sequência da história, que viria a ser intitulada *O Senhor dos Anéis*.
- 1939 — Preleção de “On Fairy Stories”, introdução escrita ao “Tree and Leaf”.
- 1945 — Assume a cadeira de Língua e Literatura Inglesa na Universidade de Oxford. Morte súbita do amigo e membro dos *Inklings*, Charles Williams.
- 1954 — Publicação dos dois primeiros volumes de *O Senhor dos Anéis*.
- 1955 — Publicação do volume final de *O Senhor dos Anéis*.
- 1959 — Aposentadoria do cargo na Universidade de Oxford.
- 1963 — Morte do amigo e membro dos *Inklings*, C.S. Lewis.
- 1965 — Popularidade crescente nos *campi* de universidades americanas, após a edição não-autorizada do livro de bolso de *O Senhor dos Anéis*.

- 1968 — Mudança com a esposa para Bournemouth.
1971 — Morte de Edith Tolkien. Retorno a Oxford.
1973 — Morte em 2 de setembro.
1977 — Publicação de *O Silmarillion*, editado por Christopher Tolkien.
1980 — Publicação de *Unfinished Tales* [Contos Inacabados], editado por Christopher Tolkien, a primeira de uma série de publicações das versões anteriores de *O Silmarillion*, bem como outras histórias e anais referentes às primeiras três eras da Terra Média. Notadamente *The Lays of Beleriand* (1986).

Em resumo

A biografia de Tolkien prova, portanto, ser o primeiro e talvez mais importante motivo para se ler a sua obra: sua vida e seus ideais. Não que uma pessoa que se considere desprovida de ideais e pressupostos não possa escrever e ser bastante “vendável”. Por outro lado, Tolkien acreditava piamente que há algo de inalienavelmente divino e transcendente na arte, que exigia uma “resposta” ou ressonância na vivência prática. Ela sempre remete a algo maior e mais abrangente, algo “surpreendente”, como diria Lewis, tanto para o apreciador quanto para o artista.

Um “autor bom” certamente favorece em muito a qualidade da história, que, por sua vez, só se completa no bom leitor e numa bondade maior que a de ambos, sem a qual ninguém jamais chegará a ser um “bom autor”. O autor e o leitor de um texto muitas vezes se confundem no processo de leitura. O bom autor se completa na boa leitura e no bom leitor. E se considerarmos que todo leitor é, antes de tudo, um “leitor de si mesmo”, e que o autor expõe seu eu mais íntimo na sua obra, notamos a complexidade das relações envolvidas no processo.